

FÉ E CIÊNCIA

Aspectos histórico-epistemológicos e éticos*

Josafá Carlos de Siqueira S.J.

1. ASPECTOS HISTÓRICO-EPISTEMOLÓGICOS DA PROBLEMÁTICA

A problemática atual das relações entre o horizonte religioso, expresso pela fé, e o horizonte utilitarista das ciências modernas, é iluminada, quando buscamos suas raízes históricas.

Dentro do horizonte monolítico, uniforme e predominantemente religioso do século XVI, este tipo de problemática ainda não existia, sobretudo porque as ciências modernas só apareceriam a partir do século XVII. No período medieval, as ciências existentes (Astronomia, Geometria, Álgebra, etc.) não constituíam problema para a fé, pois, na hierarquia das ciências, se situavam em plano subalterno em relação à Lógica e à Teologia.

A revolução copernicana com os avanços da Astronomia, marcados sobretudo por Galileu no início do século XVII, acabaram por provocar um abalo profundo no horizonte fixista e religioso então dominante. Começaram, pois, a aparecer as primeiras tensões entre fé e ciência. A fé, estruturada numa reflexão teológica de caráter metafísico, não conseguia preencher os anseios do homem da Idade Moderna que procurava a verdade nos parâmetros de uma fundamentação racional-operacional. A ascensão da racionalidade operacional, reforçada pelo mecanicismo cartesiano, abriu espaço para o surgimento de novas ciências. A Matemática, a Astronomia e a Física encontraram campo aberto para a expansão. O horizonte e a linguagem de uma fé expressa em categorias metafísicas encontravam-se, em decorrência da absolutização da razão, ameaçados por um desenvolvimento filosófico e científico que criticava e procurava superar os conceitos metafísicos de homem e de mundo.

A ilustração do século XVIII, com sua tendência racionalista, exaltou a razão científica como meio de libertação do homem, abrindo também espaço para o surgimento das ciências humanas. O criticismo kantiano fez críticas profundas à Metafísica tradicional, confrontando-a

(*) A presente nota constitui o esboço de uma palestra pronunciada a 11 de junho de 1985 no Colégio Loyola, Belo Horizonte, MG.

com as ciências da razão teórica. O hegelianismo, com o Saber Absoluto, abriu espaço para a possibilidade de exprimir toda a realidade em conceitos da razão — “todo o real é racional, todo o racional é real” (Prefácio à Filosofia do Direito). Depois de Hegel, com a crise do esquema onto-teológico, a Metafísica tradicional parecia ter chegado ao fim. Como se não bastasse, o positivismo, nascido do racionalismo francês do século XVIII, intensificou e exaltou o culto às ciências, valorizando o conhecimento científico e desprezando as etapas pré-científicas, a saber, a Teologia e a Metafísica.

Marcado profundamente pelo positivismo comtiano e pelas descobertas paleontológicas do início do século XIX, o transformismo, cujos principais representantes foram os naturalistas Lamark e Darwin, trouxe verdadeira revolução para a Biologia que nessa época se desenvolvia com todo o vigor. Mas trouxe também conseqüências para a fé, sobretudo no tocante à problemática bíblica da criação, vista, pela reflexão teológica da época, dentro de um horizonte fixista e estático.

A problemática da relação entre fé e ciência caracteriza-se, pois, do século XVII ao começo do século XX, pela *conflitividade*, pela atmosfera polêmica e pela impossibilidade de reconciliação.

Após este primeiro período de conflito irreconciliável, causado sobretudo pelo fato de que a fé continuava a ser expressa em categorias teológicas essencialistas e fixistas, segue-se um segundo período que pode ser chamado de *apologético*. Neste período, conservando as categorias teológicas tradicionais do anterior, a fé procura um diálogo com as ciências, argumentando e tentando provar polemicamente as verdades teológicas. Porém, apesar do esforço ingente, a reflexão teológica não conseguiu articular, pela via da apologética, um discurso condizente com as ciências, pois a questão estava epistemologicamente mal colocada. Mesmo procurando colocar-se num horizonte comum de estruturas objetivantes, Teologia e ciências não poderiam encontrar pistas de conciliação, enquanto não reconhecessem que suas atitudes são fundamentalmente diferentes. De fato, a problemática da relação fé-ciência se situa não no nível da objetividade, mas sim no nível do reconhecimento ou não da autonomia de ambas as áreas e de seus horizontes específicos.

Entretanto, mesmo dentro deste acanhado horizonte teológico, Teilhard de Chardin, com sua experiência científica e religiosa, tentou apresentar de maneira admirável uma síntese entre fé e ciência. Como cientista e homem de fé, encontrou-se no cruzamento de dois mundos: de um lado a tradição da revelação cristã; de outro lado a tradição da mentalidade científica racionalista de fins do século XIX e começo do século XX. Tentando unir o essencial da visão cristã e o necessário da vi-

são científica, Teilhard elabora sua síntese de conciliação entre cristianismo e mundo moderno. Infelizmente o horizonte teológico da Igreja de sua época não soube apreender a riqueza de sua reflexão nem as conseqüências que esta traria para um melhor relacionamento entre fé e ciências modernas.

Finalmente, com a reviravolta antropológica da Teologia e sobretudo com o Concílio Vaticano II, passou-se de uma visão fixista e essencialista, para uma perspectiva dinâmica e personalista da fé, possibilitando-se, assim, um diálogo maior com as ciências. É o terceiro período, que poderia ser caracterizado como *dialogal*. O reconhecimento da mediação da linguagem no conhecimento humano permitiu distinguir os elementos constitutivos e distintivos de ciências e fé, delimitando-se assim o papel fundamental de ambas. O horizonte da fé é a totalidade de sentido; difere, pois, do horizonte particular de cada ciência. A fé não pode intervir na metodologia própria de cada ciência nem inibir seu desenvolvimento, mas, ao contrário, reconhecer e estimular as ciências, na medida em que estas possibilitam uma abertura e um compromisso maior com o homem e com o mundo. Mas a ciência tem também que reconhecer o papel da subjetividade que influencia fortemente na objetividade científica.

2. ASPECTOS ÉTICOS DA PROBLEMÁTICA

O diálogo entre fé e ciências modernas tem que ser colocado também em outro nível que não seja apenas o histórico e epistemológico. É importante analisar a relação fé-ciência no nível *ético*.

A razão de colocar a problemática no nível ético são as mudanças profundas a que estamos assistindo, tanto no âmbito da fé como no das ciências. Do lado da fé há todo um esforço, principalmente na América Latina, de uma elaboração teológica que acentue os aspectos praxísticos e sociais, denunciando o caráter imoral e eticamente deletério das estruturas de uma sociedade em que milhões de pessoas são exploradas e marginalizadas, em detrimento do amor fraterno. Da parte das ciências há também atitudes de perplexidade e desconfiança, sobretudo diante da manipulação ideológica dos resultados científicos. Não obstante os benefícios que as ciências trouxeram para a melhoria da vida do homem, manipuladas política e ideologicamente, elas não só não conseguiram impedir as guerras, as violências, as misérias e as injustiças, mas também até chegaram a tornar-se séria ameaça à vida do homem sobre o planeta. A Física das partículas nos instruiu sobre a estrutura da matéria, mas este conhecimento foi aproveitado para a criação de armas nucleares. A Química permitiu sintetizar matérias até então desconhecidas, mas estas acarretam a poluição do ar, dos mares e dos rios. A Biologia

nos revelou a importância da genética, mas esta é manipulada para causar mutações gênicas, que poderão influir desastrosamente sobre a herança genética e a personalidade humana. Assim, a própria ciência se questiona sobre o seu sentido.

Face a esses novos horizontes, abre-se amplo espaço para o diálogo entre fé e ciências a nível ético. Certamente não é fácil estabelecer limites, sobretudo dada a complexidade das ciências modernas com suas múltiplas especializações e subdivisões.

De forma sumária poderia dizer-se: Toda ação científica que vise a um serviço cultural para a humanidade e contribua para a melhoria da qualidade de vida, terá, da parte da fé, uma aprovação incondicional. Ao contrário, toda atividade científica que vise a manipulação e destruição do homem, encontrará, da parte da fé, um repúdio radical. Por outro lado, toda expressão de fé ou elaboração teológica que impeça um desenvolvimento da racionalidade ou prive o homem dos progressos técnicos e científicos que lhe propiciam bem-estar social e psicológico, receberá, da parte das ciências, uma condenação veemente.

A partir de minha especialização gostaria de finalizar chamando a atenção a dois campos do diálogo fé-ciência a nível ético, cuja importância é patente: o diálogo da fé com as ciências biomédicas e ambientais.

Em diálogo com as ciências ambientais, em particular com a Ecologia, a fé pode oferecer subsídios para uma ética ambiental. Tem sido muito divulgada a problemática técnica e política da Ecologia: exploração desenfreada dos recursos naturais; política energética e implicações ambientais; desmatamentos e conseqüências climáticas, edáficas e aumento de doenças tropicais; jurisdição ambiental e política ambientalista em âmbito partidário, etc. Entretanto, talvez menos conhecida, cresce hoje a preocupação pela questão ética do meio ambiente. Exatamente neste ponto seria necessário maior diálogo entre fé e ciência. Por um lado evitaria que, em desconhecimento da Teologia e exegese bíblica, se levantassem acusações contra a tradição judeu-cristã, que estaria à raiz de toda a exploração da natureza e de suas conseqüências posteriores (cf. Gn 1, 28-29). Na verdade, a própria literatura científica mostra que ocorreram amplas e permanentes degradações ambientais em muitos lugares onde não havia qualquer contato com a tradição bíblica — em muitos casos, até bem anteriormente aos documentos bíblicos. Por outro lado, nos últimos tempos, a Igreja tem-se pronunciado várias vezes a nível de Magistério e de Teologia, sobre a questão ética do meio ambiente. A fé pode oferecer à Ecologia subsídios teológicos que iluminem as preocupações atuais desta ciência no sentido de formar uma consciência ética do problema ambiental.

Outro amplo campo para o diálogo com a fé, a nível ético, são as ciências biomédicas. É necessário e urgente um diálogo em vista à Bioética. Nesse âmbito estão grandes problemas da sociedade moderna como o aborto, a inseminação artificial, as formas anômalas de procriação, o transplante de órgãos, a eutanásia, a eugenia, a experimentação humana, etc. A fé, na medida em que conseguir elaborar uma reflexão séria e condizente com toda esta problemática da Bioética, estará prestando serviço à ética médica e, conseqüentemente, à sociedade.

No entanto, é preciso reconhecer como está distante esse diálogo. Ainda existe uma grande barreira entre a reflexão bioética feita a partir das ciências e a reflexão moral feita a partir da fé. A linguagem da fé, sobretudo com referência à problemática moderna levantada pela Bioética, ainda está muito presa aos moldes da moral tradicional, onde muitos desses problemas ainda não existiam. Aqui está o grande desafio para o diálogo entre fé e ciência. A Igreja não deveria deixar escapar a oportunidade de intensificar o diálogo com a Ecologia e a Bioética, para que, no novo horizonte atual da reflexão teológica, não se repita o que aconteceu na época de Teilhard de Chardin.

BIBLIOGRAFIA

- J. M. AUBERT, *Philosophie de la nature*. Beauchesne, Paris, 1965.
- L. BOFF, *Ciência e técnica modernas e pensar teológico: recolocação de um velho problema*. Fac. Benett, Rio de Janeiro (mimeo.).
- R. DUBOS, *The Wooing of Earth*. C.S. Sons, New York, 1980.
- A. MOSER, *O problema ecológico e suas implicações éticas*. Vozes, Petrópolis, 1983.
- F. TABORDA, Teologia e ciências no diálogo interdisciplinar. *REB* 34 (1974) 824-839.
- A. C. VARGA, *Problemas de Bioética*. Unisinos, S. Leopoldo, 1982.
- H. C. L. VAZ, Teologia e interdisciplinariedade. *Atualização* n. 54-55 (1974) 285-291..
- , *Universo científico e visão em Teilhard de Chardin*. Vozes, Petrópolis, 1967.

Josafá Carlos de Siqueira S.J. é licenciado em Ciências Biológicas e pós-graduado em Biologia Vegetal pela UNICAMP (Campinas, SP). É pesquisador do Herbarium Friburguense do Colégio Anchieta de Nova Friburgo, RJ, bolsista do CNPq e coordenador do Boletim Botânico EUGENIANA.

Endereço: Caixa Postal 5047 – 31611 Belo Horizonte - MG